

O sexo sadomasoquista é comprovadamente uma das formas de sexo consensual menos entendidas e mais demonizadas. Como terapeutas, quão aptos estaremos em oferecer terapia eticamente correta para clientes 'kinky' quando ainda existe pouca percepção sobre a experiência 'kink'?

Um 'Kink' em desenvolvimento

Su Connan

Tradução: Miguel Montenegro

Existem muitas pessoas 'kinky' pelo mundo fora. Um estudo Norte Americano relatou "14% de homens e 11% de mulheres tenham tido ... experiências sadomasoquistas"¹, e outros estudos revelam uma maior frequência de práticas e fantasias BDSM ('bondage' ou servidão e disciplina, domínio e submissão, sadismo e masoquismo). Muitos de nós estamos confiantes na nossa sexualidade 'kinky' e celebramos as nossas excitantes vidas sexuais, mas alguns de nós sentimos vergonha, culpa e confusão pelos nossos desejos. Todavia, esforçamo-nos para encontrar um conselheiro ou terapeuta em quem possamos confiar e sentir confortável. Como são raros os terapeutas que se identificam como sendo 'kink', o que precisamos é de alguém que não nos julgue ou fique 'fora de si' se lhes revelarmos as nossas identidades ou práticas 'kinky'.

As práticas sexuais de sadismo e masoquismo têm sido consideradas como sendo depravadas, rotuladas como patologia e presentemente categorizadas como parafilias no DSM-IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - *Diagnostic and Statistical Manual*) e no CID-10 (Classificação Internacional de Doenças). "Atualmente o sexo sadomasoquista é considerado como uma patologia sexual, ao mesmo nível da violação sexual e abuso sexual de menores, assim como a homossexualidade era vista a cerca de 20 anos atrás, desse modo necessitando de esclarecimento, tratamento e cura"². Apesar disso, de forma encorajadora, pesquisas recentes exploram a comunidade BDSM na tentativa de entender o significado existente entre aqueles que incluem práticas BDSM em suas vidas sexuais ou como formas completas de expressarem a sua sexualidade.

Como conselheiros e terapeutas, precisamos de refletir nos nossos valores e crenças pessoais sobre a sexualidade, e como estes são influenciados pela nossa cultura e heranças político-religiosas. Precisamos estar conscientes em como os nossos ideais terapêuticos abordam o tópico sobre sexualidade e estarmos preparados para questionar aqueles que diagnosticam as práticas sexuais BDSM como sendo uma doença. A solução para um trabalho ético com esta comunidade diversificada baseia-se na compreensão sobre a perspectiva 'kink' e no significado que os profissionais BDSM possuem sobre a mesma.

Aumentar a percepção BDSM

BDSM é um termo que abrange uma área ampla de comportamentos, geralmente envolvendo o uso e troca de poderes num relacionamento erotizado. 'Informed Consent'³ (www.informedconsent.co.uk), site da Internet sobre BDSM que lidera o assunto no Reino Unido, define BDSM como sendo uma 'frase generalista'. Por exemplo, eu uso os termos 'participante BDSM' ou 'SMer' (SMerista) para descrever pessoas que se identificam BDSM como sendo um estilo ou atividade de vida, e termos 'kink' e 'kinky' para descrever tanto práticas como praticantes de BDSM.

¹ 'Kinky' é um termo usado para descrever pessoas que praticam sexo 'kink'. A tradução portuguesa desta palavra descreve uma forma negativa de ver esta atividade sexual, como sendo bizarra e excêntrica, e sendo mesmo incomum.

² 'Kink' é um termo Inglês usado para descrever um tipo de atividade sexual que explora formas não-convencionais de se expressar uma intimidade sexual, incluindo domínio, disciplina, submissão, sadismo e masoquismo.

³ Tradução literal – "Consentimento Informado", mas o site da internet chama-se "Informed Consent".

A maior parte do vocabulário usado para descrever atividades ‘kinky’ descreve-se de forma altamente teatral e dramática: pode descrever partes de uma ‘cena’ ou numa masmorra; participantes ou atores que se identificam como dominantes ou ativos são chamados de ‘Dom/Domme’, Mestre/Senhora ou ‘TOP’; atores submissos ou passivos usam os termos ‘sub’, ‘bottom’ ou escravo⁴. Aqueles que preferem ambas as funções (passivo e ativo) usam o termo de ‘switcher’. O uso de uma palavra-chave, ou senha de segurança, é essencial para assegurar a estabilidade física e emocional para ambos os ‘sub’ e ‘dom/domme’. Os praticantes ‘kink’ muitas vezes referem-se às práticas que não são ‘kink’ como sendo ‘vanilla’ (ou sexo convencional sem componentes BDSM).

Este artigo é um extrato de um ensaio que escrevi para o meu certificado em Minoria Sexual pela “Pink Therapy”, e também escrito de acordo com a experiência que ganhei sobre diversidade durante o meu treino em aconselhamento e psicoterapia. Em resposta à falta de conhecimento sobre diversidade sexual no meu grupo de colegas, e devido à natureza homogênea e heterossexual desse grupo, decidi revelar-lhes a minha identidade *kink*. Ponderei sobre como, quantos desses candidatos a conselheiros me responderiam, caso eu (ou alguém como eu) entrasse nos seus consultórios nos anos vindouros como seu cliente. Felizmente a minha revelação não atraiu hostilidade e rejeição públicas. A maioria das respostas recebidas dos colegas que me contataram sobre esta revelação foi com uma curiosidade amigável, apesar de ter sentido que os meus colegas achassem a minha sexualidade como sendo exótica. A experiência deixou-me duvidosa em quão aptos estaremos para oferecer terapia ética a grupos de minorias sexuais, sendo que treinos e currículos têm um foco heterossexual e heteronormativo, e existe muito pouco entendimento sobre a prática ‘kink’, em particular.

Encontrar um conselheiro que saiba sobre ‘kink’ exige certa dedicação e tempo. É importante ter um conhecimento sobre a cultura gay ou *kink*. Pois não é fácil para um indivíduo se sentir em conflito e ansioso sobre seus desejos e práticas sexuais encontrar um conselheiro que seja bem-informado e tolerante. Clientes que não encontram um terapeuta simpaticizante com ‘kink’ podem sentir uma necessidade de ‘testar’ os seus potenciais conselheiros na tentativa de estimar suas atitudes para com as práticas BDSM. Esta procura pode tornar-se arriscada e dispendiosa, em particular para indivíduos em conflito com seus desejos e práticas sexuais, o que pode levar um possível cliente a usar estratégias de entrevistar o terapeuta secretamente ou (menos provável) publicamente.

A minha própria experiência comprova isto, pois na tentativa de reduzir custos emocionais, financeiros e tempo, desenvolvi perguntas, que eram na realidade técnicas de entrevista, cada vez que contactava telefonicamente possíveis terapeutas. Isto perturbou alguns desses conselheiros, os quais, para seu mérito, lidaram com a situação geralmente com uma amabilidade imperturbável.

Seguro, sadio e de pleno acordo

Moser e Kleinplatz³ oferecem um aviso a todos aqueles que tentam entender as motivações das pessoas BDSM (ou BDSMersistas): os significados, esperanças e desejos individuais de cada participante será único, e mesmo comportamentos aparentemente semelhantes terão significados completamente diferentes para cada ator procurando experiências diversas. Gostaria de adicionar que o mesmo indivíduo em ‘cenas’ semelhantes, mas em alturas diferentes, desejará e irá alcançar um âmbito variado de emoções e sensações.

As pessoas muitas vezes ficam confusas com a dor que se sente durante a prática BDSM e poderão não entender o significado total por trás do consentimento legitimado. Consentimento é fundamental e é a base em Sadomasoquismo; sem consentimento a prática transforma-se em abuso. Um cenário complexo é antecedido por um período de negociações e debates, incluindo regras para o que fica fora de limites – pois o que excita uma pessoa pode repelir outra. O mote ou slogan *kink* ‘seguro, sadio e de pleno acordo’ contraria as suposições tradicionais que ‘kink’ é perigoso e louco. Acentua, ainda, que mesmo que se ‘jogue pesadamente’ existe um compromisso para evitar causar danos reais, e que pessoas não se envolvam em BDSM quando estiverem zangadas ou de outra forma caso se sintam incapazes de manter limites seguros ou antever riscos. Existe um debate contínuo dentro da

⁴ Os homens *bottoms* são chamados de verme, servo, cão, e escravo. As mulheres de escrava, serva, e cadela.

comunidade BDSM relativamente a assuntos relacionados com risco e responsabilidade, e algumas pessoas preferem a frase ‘kink consensual prevenindo risco’ em resposta ao slogan ‘seguro, sadio e de pleno acordo’, reconhecendo que existem riscos em qualquer atividade que se faça na vida, mas também como rejeição para a construção social de ter que se ‘provar’ constantemente a nossa sanidade mental.⁴

Poder e transcendência, escravidão e humilhação

Ao adotar funções dominantes e submissas, atores trocam rituais temporários e ponderados de ação para representar ‘poder’. Easton descreve esta interação como uma forma de providenciar uma situação segura para dar e receber experiências físicas e emocionais intensas; pois a oportunidade para atuar como a criança rebelde ajuda a liberar uma quantidade de emoções das nossas responsabilidades diárias como adultos⁵. Uma quantidade de pesquisadores identificou um estado de ‘transcendência’ que se alcança através da prática BDSM⁶. Bridoux cita a experiência de um SMerista que descreve os seus encontros SM sexuais como uma ‘sinceridade, que muitas vezes é a chave para uma experiência sexual sadisto-psicológica profunda e íntima, abrindo a mente para formas de funcionamento que não são diariamente “normais”’.⁷

O ato de amarrar e ser amarrado é o maior tema dentro da prática BDSM, e tem muitos significados complexos. Pode envolver um ato de delicadamente restringir os dedos polegares de alguém, a usar cordas para ‘amarrar à bezerro’, e mesmo suspender o(a) parceiro(a) no ar. O simples ato de comandar alguém para não se mexer pode ter um efeito poderoso, tendo em conta que o ‘sub’ estará com disposição para obedecer, mas também tendo em consideração nas consequências da desobediência e nas oportunidades excitantes vindas do ‘castigo’.

‘O que será desoladamente humilhante para uma pessoa, não o será para outra’³, leva Moser e Kleinplatz a concluir que estes aspetos do jogo *kink* são dos mais difíceis de descrever. Quando alguém nos chama de ‘escravo’, e nos ‘força’ a usar certos artigos de vestuário, ou nos utiliza como escabelo⁵ em clubes de BDSM, faz-nos lembrar nas dicas e cenários em que um ‘sub’ pode sentir uma humilhação gratificante, todavia não oferece muitas explicações ao porque uma pessoa acha uma gratificação nessas experiências. No entanto, Moser e Kleinplatz apontam para o fato de que quando certas atividades perdem os seus estatutos culturais (por exemplo, a felação e a cunilíngua), também perdem o poder de ‘conferir certo estado emocional’ aos seus praticantes³, que poderá talvez providenciar mais pistas para entendermos este aspecto do BDSM, ou que pessoas procuram outras formas sexuais de encontrar ligação emocional com outras pessoas.

Dor, contentamento, humor e criatividade

Pode parecer difícil de entender e encontrar empatia para com indivíduos que se envolvem em dar e receber dor, todavia risco e dor são culturalmente encorajados em áreas de desporto e cosmética. A experiência dolorosa durante experiências SM são contextuais; um SMerista (pessoa praticante de SM) provavelmente não procura essas experiências de dor fora da prática BDSM. Estudos demonstram que o corpo liberta endorfinas como resposta à dor, e produzem uma ‘excitação natural’ e uma maior tolerância à dor. Esta ‘urge’ ajuda a entender o porque de muitas práticas SM serem mais toleráveis que outras. Apesar disso os relatos contados por ‘SMeristas’ nem sempre estão de acordo com esta suposição⁸, nem respondem completamente às perguntas que um terapeuta pode ter quando estiver trabalhando com clientes. Esta teoria também não ajuda a entender o significado da dor para o indivíduo⁹ nesta prática. Como disse um participante numa pesquisa: ‘As pessoas às vezes acham que por masoquista também devo gostar de ir ao dentista... Bizarro!’¹⁰

Enquanto é aparente que para pesquisadores académicos o BDSM oferece aos seus praticantes uma experiência intensa, o que muitas vezes falta nas suas explicações é uma apreciação da alegria e criatividade absoluta que se sente na atuação e nas cenas. Junto a isto também existe uma

⁵ Um escabelo é um banco pequeno que serve de apoio aos pés por vezes utilizado por pedicuras.

originalidade nascida do conhecimento íntimo que se tem pelo(s) parceiro(s) de jogo e que atividades produzem os desejos e experiências mais desejadas. Pode haver um reconhecimento necessário sobre certas absurdidades, e que às vezes certas atividades têm que ser ‘pausadas’ para que a dignidade e roupas do parceiro sejam ajustadas, ou mesmo para controlar as risadinhas e gargalhadas.

Sadomasoquismo e a lei

Enquanto não é ilegal⁶ ser praticante de Sadomasoquismo (SM) (no Reino Unido), existem certas atividades que podem colocar o praticante de BDSM em conflito com a lei. Interessantemente, notamos que após o famoso caso de tribunal de Spanner (R versus Brown), no qual um grupo de homens gays foi encarcerado por praticar SM consensualmente, o caso de R versus Wilson foi então revisitado. Este caso envolveu um marido que marcou a sua mulher a ferro quente, após esta lho ter pedido. Bridoux informa que a House of Lords⁷ julgou-os e os sentenciou como ‘não culpados e declarou a situação como sendo privativa: uma atividade consensual entre marido e mulher, na privacidade da sua residência, e não o será, no nosso julgamento, significativo para uma investigação criminal, e muito menos para um processo criminal’.⁷

Este veredito aparentemente contraditório ilustra as diferentes atitudes em existência, para com grupos de pessoas diferentes, e confirma a posição privilegiada dos heterossexuais, e o problema que a sociedade tem em aceitar quando dor e lesão são associadas com prazer sexual. Sissons aponta que estes casos ‘destacaram dois pontos mesclados: será que interações sadomasoquistas consensuais são uma forma de agressão, ou será que uma pessoa pode legalmente consentir a ser agredida’.¹¹

A perspectiva acadêmica

BDSM é comprovadamente uma das formas de sexo consensual menos entendidas e mais demonizadas; e estas crenças são transferidas para a comunidade terapêutica.¹² Uma das dificuldades em desafiar a teoria psicanalítica, que presume que BDSM está conectada com a psicopatologia, vem dos resultados de pesquisas, pois a maioria dos estudos são feitos em criminosos sexuais. Numa avaliação condenatória da perspectiva analítica Britânica, Denman declara: ‘O tom de discussão dos analistas é tão implacavelmente hostil, insolente e denegridor que a vida sexual ou afins de todos os pacientes é imediatamente pré-avaliada como sendo irremediavelmente patológica e contaminada’.⁸

Uma abordagem alternativa para considerar SM é proposta por Denman através da sua construção de sexo ‘transgressivo’ (ou o que atrai reprimenda social ou punição criminal) e sexo ‘forçado’ (que uma das partes envolvidas não consentiu). Denman declara: ‘Unificar perversões com outros distúrbios psiquiátricos é importante para teóricos psicanalistas porque os ajuda a estabelecer que sexo transgressivo é patológico’.⁸ Tem-se dado muita atenção para as causas do interesse por BDSM. Teorias incluem o vandalizado ‘mapa de amor parafilico’ por Money através do qual ele propõe que a causa de BDSM se encontra na separação do amor carinhoso e da luxúria erótica,⁸ ligados a um passado de abuso sexual durante a infância, embora estas asserções não tenham vindo de pesquisas empíricas. Barker, Iantaffi e Gupta desafiam o mito do abuso sexual durante a infância como uma possível causa de se ter interesse por BDSM, e rejeitam a imortalidade desses mitos dentro da comunidade terapêutica.¹²

Para indicar uma experiência completa do que Money chama de ‘amor carinhoso e luxúria erótica’, e dessa forma para suportar a sua posição, Denman escreve: ‘Thompson (1994)¹³ relata que praticantes BDSM têm mais vezes sexo normal do que tem sexo SM e que apenas misturam livremente ambas as formas de se expressarem sexualmente’.¹⁴

⁶ Este tema de “sadomasoquismo e a lei” refere-se presentemente à situação no Reino Unido onde este artigo foi originalmente escrito. Ao fazermos a tradução para a língua portuguesa não sabemos qual será a situação relativamente à prática BDSM e sobre a sua legalidade em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, ou outros países onde pessoas falantes de língua portuguesa residam, e se encontrem a ler este artigo.

⁷ A **Câmara dos Lordes** (em inglês: *House of Lords*) é a câmara alta do parlamento do Reino Unido.

Problemas clínicos e implicações para a educação e prática terapêutica

Frequentemente encontramos atitudes e comportamentos nos nossos clientes que nos desafiam como indivíduos e terapeutas, e faz parte do nosso trabalho diário controlar as nossas respostas e trabalhar com estes desafios. Ao explorarmos a zona de cruzamento entre as experiências da nossa sexualidade e o BDSM, isso ajuda-nos a empenhar e a melhorar como pessoas e terapeutas.

Ao reconhecermos uma abordagem não-patológica, é importante mantermo-nos alerta para as possibilidades de encontrarmos abuso e maltrato nas histórias dos nossos clientes. A pesquisa de Kolmes, Stock e Moser identificou que ‘terapeutas também concordaram com os perigos de presumir que todos os clientes BDSM são saudáveis, realçando a necessidade para terapeutas identificarem a complexidade da atividade e possível presença de abuso misturado com BDSM em alguns relacionamentos BDSM.’¹⁵ Algumas questões para o terapeuta ter em mente são:

- Quão ciente está o cliente de seus próprios limites e necessidades?
- Existe algum comportamento autodestrutivo no cliente?
- O que sabe sobre a atividade do cliente para assegurar que a sua prática BDSM é segura?
- Esse comportamento é educativo ou destrutivo?
- Que vantagem traz ao cliente esse comportamento?
- De que liberta o cliente esse comportamento?
- Será que o desconforto do cliente está apenas limitado ou associado com práticas, cenas ou palavras específicas, ou algo mais?
- O que é que o cliente mais gosta ou valoriza no seu relacionamento *kinky*?
- Pensando sobre como o cliente expressa preocupações, que parte de sua prática acha que não parece estar ‘OK’.¹⁶

Quando trabalhar com problemas relacionados com práticas BDSM, seja o terapeuta também um praticante de *kink* ou não, é provável que existam elementos no comportamento ou atividades favoritas do cliente que poderão provocar reações fortes no terapeuta. Nichols refere-se à expressão ‘squicked’⁸ usada dentro da comunidade BDSM para descrever uma ‘forte reação emocional para com uma atividade, mas sabendo que não “julgamos” essa atividade como “errada” ou “certa”.’¹⁷

Nichols sugere que estes sentimentos poderão providenciar informações úteis para o conselheiro sobre aspetos da sua própria sexualidade, que podem estar ‘reprimidas e renegadas’, e fornece uma oportunidade para o terapeuta processar e lidar com essas emoções.

Ao considerar a necessidade que os conselheiros têm para lidar com as suas respostas para com BDSM, Barker e colegas convidam terapeutas a lidar com o ‘amplo conceito’ da ‘reflexividade’: uma ‘curiosidade virada para dentro, para as nossas crenças, histórias, sentimentos e pensamentos...’ e como estas nos afetam. Por isso o terapeuta pode evitar ficar fixado em tentar entender ‘uma história em particular ou em tentar interpretar significados’.¹² Desta forma, como terapeutas não precisamos estar confortáveis com todas as práticas *kink*, mas precisamos melhorar a nossa percepção sobre nossos níveis de conforto e desconforto, e nossos preconceitos.

⁸ Não existe tradução para esta palavra em Português. Talvez um amalgamado entre as palavras ‘impressionado’, ‘chocado’, ‘enojado’, ‘abalado’, ‘surpreso’ ou ‘ofendido’, mas de uma forma emocional e sem julgarmos os atos de uma outra pessoa. Talvez a expressão ‘ficar passado da cabeça’ se aproxima do sentido original da palavra ‘squicked’.

Kolmes e colegas pesquisaram as experiências de clientes BDSM a atenderem terapia. Desta informação, sugerem a produção de diretrizes para terapeutas que trabalham, ou querem trabalhar, com este grupo de pessoas. Alguns dos temas emergentes, incluem as práticas relatadas pelos (poucos) terapeutas que responderam, como sendo:¹⁵

Aspetos Benéficos

- O terapeuta familiarizar-se com literatura e aprender sobre BDSM
- Mostrar-se confortável ao falar de BDSM
- Poder fazer perguntas sobre BDSM
- Ajudar o cliente a superar vergonha e estigma associados com BDSM
- Manter uma mente aberta e aceitação
- Não esperar que o cliente providencie todo o material educativo ao terapeuta
- Entender e promover BDSM ‘seguro, sadio e de pleno acordo’
- Ser capaz de distinguir entre práticas abusivas e BDSM
- O conselheiro que pratica e se identifica com estilo de vida BDSM
- Uma capacidade de valorizar a complexidade da atividade BDSM
- Entender que alguns clientes podem precisar investigar e comprovar que estão usando o BDSM de forma positiva.

Aspetos Nocivos

- O conselheiro não entender que o BDSM envolve consentimento
- Terapeutas ‘côncios de kink’ que têm falta de limites apropriados entre eles e seus clientes
- Terapeutas que supõem que indivíduos ‘passivos’ são autodestrutivos e agem de acordo com um passado baseado em experiências de abuso
- Terapeutas que abandonam terapia com clientes envolvidos em BDSM
- Conselheiros que tentam ‘consertar’ o cliente apenas baseados no seu interesse por BDSM
- Terapeuta que viola a confidencialidade da terapia após presumir que outras pessoas estão em risco por causa das atividades BDSM
- Presumir que um passado abusivo ‘causou’ o interesse do cliente por BDSM
- Supor que o cliente irá ensinar o conselheiro sobre BDSM
- Terapeuta ter um interesse lascivo e impróprio pelo estilo de vida BDSM do cliente
- Terapeutas que envergonham ou julgam os seus clientes
- Terapeutas que aderem a abordagens terapêuticas que patologizam o interesse por BDSM

Justificação para treino em sexualidade

A pesquisa de Kolmes e colegas revelou que simplesmente estar disponível para trabalhar com a comunidade *kink*, ou mesmo praticar ou se identificar com a mesma, não será suficiente para assegurar que terapeutas trabalhando com clientes *kink* o farão segura e eticamente. Foi desconcertante ler a resposta de um(a) participante numa pesquisa que descreveu a sua experiência em terapia com um(a) terapeuta *kink* na qual o(a) mesmo(a) terapeuta ‘parecia mais interessado(a) em partilhar as suas experiências sobre atividades sadomasoquistas e divertidas que potencialmente ambos tínhamos em comum do que agir como um(a) terapeuta’¹⁵

No seu artigo ‘Not in front of the students’ publicado na revista *Therapy Today*, Davies defende a importância de endereçar tópicos sobre sexualidade durante o treino de aconselhamento. Como ele expressa, muitos terapeutas dizem “tenho um amigo que é gay”, mas isso não os legitima como tendo habilitações para serem terapeutas competentes para trabalharem com clientes de minorias sexuais. Da mesma forma, terapeutas que pertencem a minorias sexuais também não se qualificam automaticamente como sendo experientes nessa área.¹⁸

Um recurso poderoso, que se pode usar com alunos que possam ter preconceitos na área de BDSM, foi desenvolvido por Barker, no qual estudantes são apresentados a uma série de ‘cenas’ e convidados a considerar se têm algumas preocupações sobre essas histórias. A maioria das cenas são exemplos de atividades comuns e culturalmente aceites (por exemplo, despedidas de solteiro, idas ao cinema, depilação por cera em público, noitadas nas discotecas), enquanto um número limitado de exemplos são baseados em cenas verdadeiras provenientes de pesquisas sobre BDSM. Baker aponta curiosamente que embora esperemos que as cenas BDSM deixem as pessoas em alerta: ‘mas estas nunca são escolhidas como sendo cenas problemáticas e arriscadas.’ Esta forma de treino encoraja ‘estudantes e terapeutas em treino a refletir de um modo crítico sobre os ideais que têm sobre BDSM antes de tentarem encontrar outras respostas e críticas.’¹⁹

Em conclusão

É animador ver o aumento no número de académicos e pesquisadores que deixam de patologizar BDSM e direcionam uma atenção positiva para essa comunidade. Isto fornece uma abordagem rejuvenescedora para explorarmos as experiências e significados de praticantes de BDSM, a qual pode tornar-se uma técnica terapeuta valiosa e direcionar terapia de uma forma positiva. Mais terapeutas parecem estar confiantes em poder oferecer terapia ética e não-patológica a membros da comunidade *kink*; talvez por causa do seu maior conhecimento, combinado com um desejo de investigar seus próprios valores e refletir nas suas abordagens terapêuticas. Como um cliente me revelou recentemente: ‘É maravilhoso! Posso vir aqui de uma forma completa’.

Referências

1. Kleinplatz P, Moser C. Is SM pathological? In Langdrige D, Barker M (eds) Safe, sane and consensual: contemporary perspectives on sadomasochism. Hampshire: Palgrave Macmillan; 2007.
2. Langdrige D, Barker M. Situating sadomasochism. Ibid.
3. Moser C, Kleinplatz P. Themes of SM expression. Ibid.
4. Medlin J. SSC vs. RACK. www.leathernoses.com/generralbds/medlinssc.htm
5. Easton D. Shadowplay: S/M journeys to our selves. Ibid.
6. Beckmann A. The bodily practices of consensual SM, spirituality and transcendence. Ibid.
7. Bridoux D. Kink therapy: SM and sexual minorities. In Neal C, Davies D (eds) Issues in therapy with lesbian, gay, bisexual and transgender clients. Berkshire: Open University Press; 2008.
8. Denman C. Sexuality: a biopsychosocial approach. Hampshire: Palgrave Macmillan; 2004.
9. Langdrige D. S/M and the eroticisation of pain. In Langdrige D, Barker M. Ibid.
10. Taylor G, Ussher J. Making sense of S&M: a discourse analytic account. Sexualities. London: Sage Publications 2001; 4(3):293-314.
11. Sissons K. The cultural formation of S/M. In Langdrige D, Barker M. Ibid.

12. Barker M, Iantaffi A, Gupta C. Kinky clients, kinky counselling?: The challenges and potentials of BDSM. In Moon L (ed) *Feeling queer or queer feelings?: Radical approaches to counselling sex, sexualities and genders*. East Sussex: Routledge; 2008.
13. Thompson B. *Sadomasochism*. London: Cassell; 1994.
14. Denman C. *Sexuality: a biopsychosocial approach*. Basingstoke: Palgrave Macmillan; 2004.
15. Kolmes K, Stock W, Moser C. Investigating bias in psychotherapy with BDSM clients. In Kleinplatz P, Moser C (eds) *Sadomasochism: powerful pleasures*. Binghamton, NY: Haworth Press; 2006.
16. Barker M, Langdridge D. *Understanding kink and BDSM*. London: Pink Therapy Workshop; 2008.
17. Nichols M. Psychotherapeutic issues with 'kinky' clients: clinical problems, yours and theirs. In Kleinplatz P, Moser C. *Ibid*.
18. Davies D. Not in front of the students. *Therapy Today*. Lutterworth: BACP. 2007; 18(1):18-21.
19. Barker M. Turning the world upside down: developing a tool for training about SM. In Langdridge D, Barker M (eds). *Ibid*.

Autora

Su Connan é uma conselheira a tempo-parcial em 'terapia centrada na pessoa' com um consultório privado no Sudeste de Londres, e trabalha no Norte de Londres para uma instituição beneficente focada em pessoas com dificuldades de aprendizagem. Ela recebeu o certificado da *Pink Therapy* em Terapia da Diversidade Sexual e Gênero (*Gender and Sexual Diversity Therapy*) e é atualmente educadora no curso Sexualidades Alternativas (*Certificate in Alternative Sexualities*) onde ensina uma unidade introdutória em 'Compreender BDSM/Kink' (Understanding BDSM/Kink).

Email: su@suconnancounselling.co.uk

Este artigo foi originalmente publicado na revista *Therapy Today*, volume 21, edição 6, em Julho de 2010. O mesmo pode ser visto na internet na seguinte hiperligação: <http://www.therapytoday.net/article/show/1984/>

Tradução

Miguel Montenegro é um candidato ao Doutoramento em Psicologia Clínica com a tese na área de atitudes implícitas e comunicação entre doutores e utentes que pertencem a diversidades sexuais e de género. Ele é Psicoterapeuta e Hipnoterapeuta, e membro licenciado e credenciado pela *National Counselling Society* (Sociedade Nacional de Aconselhamento). Ele é autor de artigos científicos que incluem o estudo de direitos humanos, sexualidade e relacionamentos não-monógamos em pessoas com espiritualidades e religiosidades fundamentalistas.

Pink Therapy é a maior organização independente de formação e terapia com especialização em uma ampla gama de diversidade de género e sexual. Fundada por Dominic Davies em 1999, nós somos considerados por todas as organizações de terapia do Reino Unido como os líderes nesta área. Ensinamos o único Diploma universitário credenciado e especializado em Terapia da Diversidade Sexual e do Género, o qual tem atraído inúmeros terapeutas do Reino Unido, Holanda, Singapura, e Austrália. Também temos um curso intensivo de seis dias, o **International Summer School** (Escola de Verão Internacional), onde terapeutas de todo o mundo nos procuram para estudar. *Pink Therapy* oferece formação, consultas clínicas, orientação, supervisão e consultoria para terapeutas no estrangeiro, pessoalmente ou via *Skype*.

No ano passado relançamos o nosso diretório online da *Pink Therapy*, o qual inclui agora detalhes de terapeutas por todo o mundo. O nosso site também contém uma seção valiosa de material pedagógico e clínico, com recursos de autoajuda e leitura recomendada, vídeos e *podcasts*. Nosso site é: www.pinktherapy.com Estamos também nos média e redes sociais, por isso siga-nos no *Facebook* (Pink Therapy), no *Twitter* (PinkTherapyUK), no *Tumblr* (PinkTherapyUK.tumblr.com) e no *LinkedIn* (Pink Therapy International).